

Anfíbios anuros do alto Solimões e Rio Negro

Apontamentos sôbre algumas formas e suas vicariantes

por

Bertha Lutz e **Gertrud Rita Kloss**
Naturalista Auxiliar
Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil

(Dois Mapas)

INTRODUÇÃO

Nos anos de 1949 e 1950 foram realizadas duas excursões científicas à Hiléia Amazônica pelo Dr. JOSÉ CÂNDIDO DE MELO CARVALHO, meu distinto colega do Museu Nacional.

Ao correr dessas excursões foram coletados alguns anfíbios anuros, gentilmente cedidos, para determinação e estudo, à autora que subcreve o trabalho em primeiro lugar.

A excursão de 1949 destinou-se à região do Alto Rio Negro, passando por Uaupés, Marabitanas, Cucuí e também por Iuaretê, Taracuí e Pari Cachoeira, na região equatorial, entre 65° e 70° W. Gr., visitando, entretanto, também no Oiapoque, o Território do Amapá. A viagem de 1950 foi ao rio Javari e seu afluente, o Itacoaí, com volta pelo rio Juruá; dela participaram outros funcionários do Museu Nacional. Nesta viagem o número de exemplares coletados foi um tanto maior, sendo também tomados alguns apontamentos pela co-autora auxiliar, que não participou da primeira excursão. Êsses dados seguem logo após a enumeração dos espécimens coletados em 1950. Vêm precedidos pela letra C, indicando tratar-se de notas tomadas no campo. Os dados fornecidos pela naturalista que determinou o material são precedidos da letra L (laboratório). As descrições são de autoria de BERTHA LUTZ.

As coleções não são muito extensas, o que não é de estranhar, considerando terem sido ambas as excursões destinadas precipuamente a fins entomológicos, realizáveis durante o dia. Talvez seja esta a razão de predominarem, em ambas as coleções, os espécimens pequenos, em grande parte jovens, principalmente dos sapos mais frequentes na

¹ Trabalho do Instituto Oswaldo Cruz e Museu Nacional.

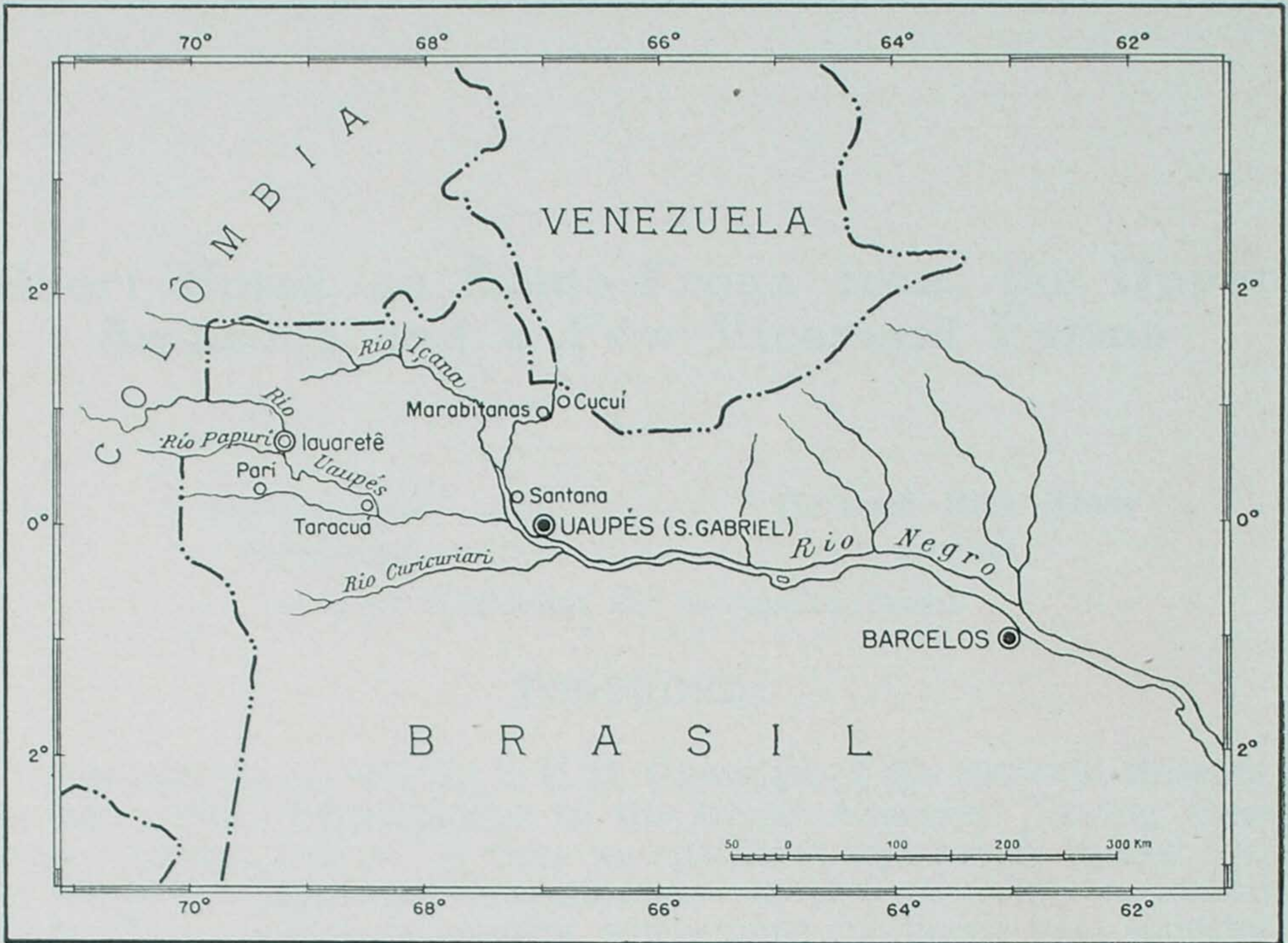
região, *Bufo marinus* e *B. typhoni*. A sua presença também pode denotar a ausência de período nupcial delimitado, ou o fato de ter êle ocorrido pouco antes das excursões. Infelizmente faltam, ou são muito lacônicos, os dados sobre o colorido e a voz.

Nestas circunstâncias, as notas consignadas neste trabalho não passam, está claro, de apontamentos, na sua maioria concernentes a espécie já conhecida de há muito, da Hiléia equatorial. Aproveito, contudo, o ensejo para descrever algumas formas aparentemente novas e para prestar esclarecimentos sobre casos claros de substituição geográfica de algumas formas coletadas, por vicariantes em formações ecológicas diferentes no Brasil ou no território cisandino e cisplatino.

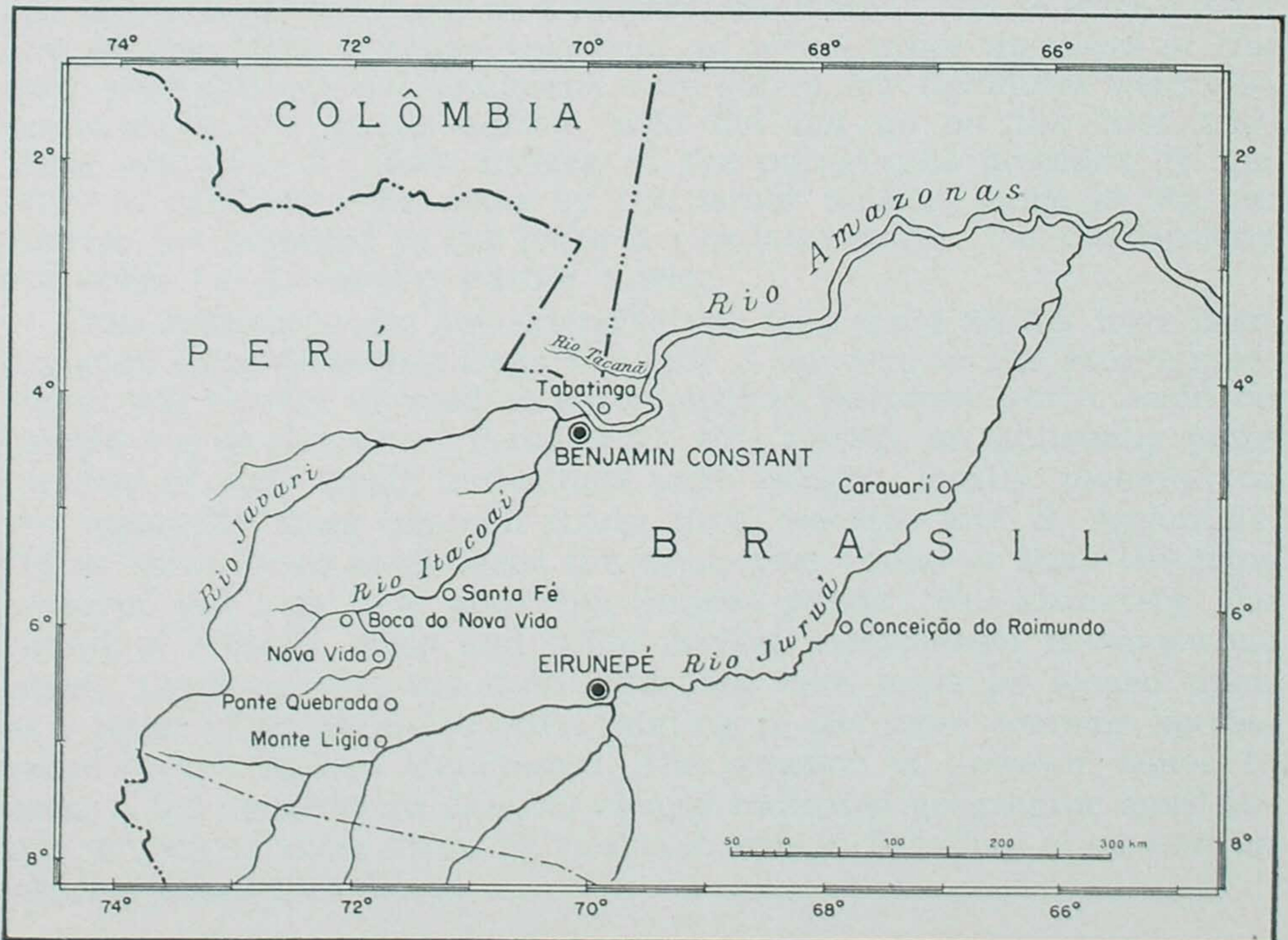
As formas do Norte, principalmente do Noroeste do Brasil, são muito raras nas coleções herpetológicas brasileiras que são pouco numerosas e se acham localizadas no leste meridional do país. Não existe, portanto, material adequado para fins comparativos. Também escasseia a bibliografia. Acresce, ainda, que a proporção de espécimens conhecidos daquela região é quase tão numerosa quanto as descrições. Êste fato evidencia a falta de séries grandes e aumenta a probabilidade de sinonímia extensa; uma e outra dificultam a tarefa taxonômica do momento atual.

Antes de passar ao estudo das formas, a autora apresenta os seus sinceros agradecimentos ao Dr. J. C. M. CARVALHO, Srta. R. KLOSS e seus auxiliares, pela oportunidade de travar conhecimento com a fauna anura do Rio Negro e do Alto Solimões. Ao Sr. J. VENÂNCIO MOURA agradeço os mapas elaborados com os dados das excursões.

BERTHA LUTZ



I — Excursão do Museu Nacional em 1949



II — Excursão do Museu Nacional em 1950